Teresa Santa Clara Gomes acerca de Lurdes Pintasilgo

"Somos pessoas extremamente diferentes"

Cáceres Monteiro

"Acho que a imagem de sombra, que você me sugere, que tenho com a Maria de Lurdes Pintasilgo. Nós somos pessoas extremamente diferentes e, portanto, nunca poderemos ser a sombra uma da outra. A Maria de Lurdes é uma pessoa de grande visão, de grandes perspectivas; eu sou, talvez, uma pessoa com um modo de encarar os problemas de forma mais operacional, preocupada com a viabilização das coisas. Isso trás, vezes, grandes discussões e es controvérsias e nem sempre estamos de acordo. Mas o saldo do trabalho conjunto é sempre rico e positivo".

Quem me fala é Teresa Santa Clara Gomes, desde há dois dias secretária de Estado-adjunto do primeiro-ministro (foi ela própria que insistiu em não ter o cargo de ministro), considerada uma pedra-chave do V Governo, e que fará parte do bloco central de coordenação do Executivo.

Reencontro-a na mesma sala do Graal onde há sete anos trabalhei algumas tardes com a eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo e com a própria dr.ª Teresa Santa Clara Gomes, num projecto jornalístico tão apaixonante quanto o permitia a falta de liberdade de Imprensa.

Teresa Santa Clara Gomes, 43 anos, licenciada em Filosofia Germânica, há mais de 20 anos que começou a sua colaboração com Maria de Lurdes Pintasilgo, na JUC. Participaram em diversas reuniões internacionais e, depois, ambas estiveram no lançamento do Graal no nosso país. Depois do 25 de Abril, Teresa Santa Clara Gomes colaborou com Lurdes Pintasilgo quando esta era ministro dos Assuntos Sociais e ela foi presidente da Comissão Interministerial de Animação Sócio-Cultural e ainda quando a actual primeiro-ministro foi ocupar o lugar de embaixador na Unesco. Nessa altura Lurdes Pintasilgo também contou com a ajuda da sua amiga que a apoiou aqui, suprindo uma certa falta de apoio orgânico, e a substituiu no Conselho Executivo como suplente em duas sessões; participando em várias reuniões da Unesco, designadamente como componente da missão portuguesa à última conferência mundial daquela organização.

Que vai ser agora o seu trabalho como secretária de Estado-adjunto?

"Não conheço ainda todos os mecanismos a nível de governação do primeiro-ministro para lhe poder dizer convenientemente quais são as funções que vou desempenhar. Há uma série de questões que estão dependentes do primeiro-ministro e costumam ser delegadas num secretário de Estado-adjunto. Dessas funções, algumas deverão ser enviadas para as áreas respectivas, porque não faz sentido que continuem dependentes do primeiro-ministro. Mas haverá ainda alguns pelouros concretos que me serão confiados. Para além disso, o meu papel fundamental será o de diálogo e reflexão junto do primeiro-ministro para a apoiar nas decisões a tomar e para ter um papel a nível da orientação política de fundo que lhe vai caber".

Teresa Santa Clara Gomes não é, como se sabe, uma inexperiente a nível de governação. No III Governo Constitucional, com efeito, desempenhou as funções de secretário de Estado da Cultura.

Mas no actual Executivo terá uma função especialmente importante, funcionado no núcleo motor, embora faça questão de sublinhar que não lhe caberá "qualquer papel de intermediária entre o primeiro-ministro e os ministros coordenadores das áreas".

"O único ministro-adjunto é o da Administração Interna que ficou com essa designação por a função ser especialmente importante neste período". De qualquer forma, há dois dias, quando conversei com Teresa Santa Clara Gomes a divisão de pelouros e áreas de responsabilidade ainda não estava perfeitamente definida.

Teresa Santa Clara Gomes
«Saldo do nosso trabalho é sempre rico e positivo»

Centro de Documentação e de Publicações
FUNDAÇÃO CUIDAR O FUTURO

Fundação Cuidar o Futuro

«É tempo de as mulheres aparecerem»

Teresa Santa Clara Gomes foi a única mulher que, além de Maria de Lurdes Pintasilgo, tomou posse na passada quarta-feira no Palácio da Ajuda. No entanto muito se especulara com a entrada maciça de mulheres para o Governo.

Como é que Teresa Santa Clara Gomes viu o «alarido» que se fez a propósito deste assunto?

«Penso que é mais do que tempo de as mulheres começarem a aparecer progressivamente. A nível de governação, isso não deverá acontecer por uma grande «operação de choque», mas deve haver antes uma progressão de entrada das mulheres a nível de todos os escalões. Ainda é extremamente reduzido o número de mulheres que passou, por exemplo, por experiências a nível de directoras-gerais. Sem terem exercido já funções de organização, de administração e, até, de governação, é difícil que as mulheres se sintam à vontade para aceitarem ser ministros».

Quatro mulheres foram convidadas por Maria de Lurdes Pintasilgo para funções ministeriais. Três disseram que não, Teresa Santa Clara Gomes disse que sim, mas só aceitou ser secretário de Estado porque considera que as funções que vai desempenhar se inserem nessa categoria. Teresa Santa Clara Gomes admitiu que mais algumas mulheres venham a ser incluídas a nível de secretários de Estado.

Como é que, dentro de Catalazete, Teresa Santa Clara Gomes (e pelas suas reacções são imagináveis as de Maria de Lurdes Pintasilgo) viu o clamor que se levantou perante a indigitação presidencial?

Ela divide as reacções em dois tipos: as que chegam através da Imprensa e as cartas que provêm de todos os pontos do país. «As pessoas escrevem cartas de todos os pontos do país, não tanto a expor os seus problemas e a pedir solução, mas a dizer que sentem uma esperança nova com o anúncio do novo primeiro-ministro.»

«Portanto, neste aspecto — e embora tal não seja particularmente significativo — não deixa de traduzir alguma coisa o tom caloroso e a esperança com que pessoas totalmente desconhecidas escrevem ao novo Primeiro-Ministro a transmitirem-lhe os seus sentimentos deste momento.»

«Muita gente tem medo do desconhecido»

No capítulo da Imprensa, também distingue dois níveis. «Por um lado, há a personalidade de Maria de Lurdes Pintasilgo. Ela é, acho eu, uma personalidade tão forte que parte destas reacções são de pessoas que esperavam um governo completamente silencioso e neutro, um governo que não 'mexesse, com nada. Por isso se insurgem contra o facto de aparecer alguém com imaginação e com iniciativa. Temem o que ela venha a fazer. Nem sequer é uma posição ideológica à partida, mas o receio de que uma personalidade forte traga à governação elementos que não são conhecidos. E muita gente tem medo do desconhecido.»

Outro nível é o das reacções políticas da Aliança Democrática. Teresa Santa Clara confessa que a reacção a ultrapassa porque nunca supôs que pudesse atingir as proporções que atinge.

«Compreendo determinadas reacções desencadeadas pelos mecanismos políticos, mas não é aceitável que se passe ao ataque pessoal e ao levantamento de quase calúnias, como se tem feito. Para mim isso é inexplicável num clima democrático cristão. É, realmente, um sinal de que as pessoas estão a reagir emotivamente. Estou convencida de que, em última análise, isso reverterá em desfavor desses partidos. O cidadão comum que vier a conhecer a personalidade de M.ª de Lurdes Pintasilgo, que a ouvir e estiver atento aos actos do futuro Governo, não poderá deixar de reconhecer que existe uma marca de isenção. Está-se a fazer uma construção para deitar abaixo a sua personalidade. Vão-se buscar coisas que nada têm a ver com o que seria decisivo para o Governo neste momento.

Teresa Santa Clara Gomes sente-se um pouco surpreendida consigo própria. «Estou muito mais calejada do que esperava. Se isto tivesse acontecido há uns meses atrás eu ficava paralisada com a ideia de que pudéssemos ser alvo de uma tal campanha. Neste momento vejo que é um jogo e penso que não vale a pena gastar muito tempo a combatê-lo. Serão os próprios partidos e as pessoas que constroem essa campanha que sofrerão as consequências.»

O Jornal
nº 223/ 3-9 de Agosto de 1979